Scholl, 1992, S. 11-12

Naqueles dias de fevereiro, já perto da primavera, logo após a batalha de Stalingrado, eu viajava de trem de Munique para Solln. Ao meu lado, na cabine do trem, estavam dois membros do Partido Nazista, que conversavam em voz baixa sobre os acontecimentos mais recentes de Munique. Haviam escrito “liberdade” em letras grandes nos muros da Universidade, “Abaixo Hitler” pelas ruas, e panfletos espalhados pelo chão convocavam para a resistência: a cidade estava sob forte comoção, como se houvesse sofrido um abalo. Embora tudo permanecesse como antes e a vida seguisse como sempre, algo havia se modificado sutilmente. Foi o que percebi pela conversa sussurrada dos dois homens na cabine, sentados um diante do outro, levemente inclinados para frente. Falavam do possível fim da guerra e do que fariam se acontecesse de repente. “Não haverá outra opção a não ser se matar com um tiro”, disse um deles olhando rapidamente para mim, para ver se eu havia entendido alguma coisa.

Qual não terá sido o alívio desses dois homens, ao verem, alguns dias depois, cartazes em vermelho-fogo, pregados às pressas por toda a parte, para o apaziguamento da população, nos quais se lia:

Foram condenados à morte por alta traição:  
  
   Christoph Probst, 24 anos,  
   Hans Scholl, 25 anos,  
   Sophia Scholl, 22 anos.

   A sentença já foi executada.

A imprensa falou em individualistas irresponsáveis que, por meio de seus atos, teriam se excluído automaticamente da Comunidade do Povo\*. Corria de boca em boca que quase cem pessoas haviam sido detidas e que ainda haveria mais sentenças de morte. O presidente do Tribunal do Povo\* viera especialmente de Berlim, de avião, para pôr um termo no caso.

Mais tarde, em um segundo processo, foram condenados à morte e executados:

Willi Graf,

Professor Kurt Huber,

Alexander Schmorell.

O que essas pessoas haviam feito? Em que consistiram seus crimes?

Enquanto uns zombavam deles e os difamavam, outros falavam em heróis da liberdade.

Mas podemos chamá-los de heróis? Eles não fizeram nada de sobre-humano. Defenderam algo simples, lutaram por algo simples, pelos direitos, pela liberdade e pelo desenvolvimento livre do indivíduo: por uma vida livre. Eles não se sacrificaram por nenhuma ideia extraordinária, não perseguiram grandes objetivos; o que queriam era que pessoas como eu e você pudessem viver em um mundo humano. E talvez esteja aí sua grandeza: em terem lutado e arriscado suas vidas por algo tão simples, em terem tido forças para defender o direito mais básico com o sacrifício último. Sem o entusiasmo geral, sem grandes ideais, sem um objetivo maior, sem respaldo de alguma organização, sem nenhum tipo de obrigação, talvez seja mais difícil lutar por uma boa causa e entregar a ela sua vida, de modo individual e solitário. Talvez o verdadeiro heroísmo consista justamente nisso: em defender com persistência o cotidiano, o pequeno, o imediato – depois que já se falou demais dos grandes temas.

[Revisões Tinka/Juliana 04/04/2012, Cide 30/05, última revisão 01/06]